

UMA APROXIMAÇÃO ENRIQUECEDORA

Celina Borges Teixeira
Mestranda da USP

RESUMO - A aproximação entre a crítica genética e a teoria do caos pode esclarecer e enriquecer a análise dos manuscritos literários. O manuscrito pode ser entendido como um sistema complexo e auto-organizado onde as leituras sucessivas transformam um ruído (falta de informação) em informação. O poema *L'Ange* de Paul Valéry é o exemplo escolhido de não linearidade, de auto-reflexividade e de uma nova visão criada a partir da relação entre as duas teorias.

ABSTRACT - The union between the genetic criticism and the chaos theory can enrich and make the analysis of literary manuscripts clearer. The manuscript can be understood as a complex and self-organized system in which the process of reading transforms the noise (absence of information) into information. *L'Ange*, the poem by Paul Valéry, is an example of non-linearity, self-reflexivity and a new point of view created by the relation between the two theories.

RÉSUMÉ - L'approximation entre la critique génétique et la théorie du chaos peut éclairer et enrichir l'analyse des manuscrits littéraires. Le manuscrit peut être compris comme un système complexe et auto-organisé où les lectures successives transforment un bruit (manque d'information) en information. Le poème *L'Ange* de Paul Valéry est l'exemple choisi de non-linéarité, de l'auto-reflexivité et d'une nouvelle vision créée à partir du rapport entre les deux théories.

A crítica genética já esteve muito próxima à filologia, à lingüística e à psicanálise. Uma outra possibilidade de união de visões surgiu recentemente, com a física ou, mais precisamente, com a teoria do caos¹.

Essa aproximação tem entusiasmado vários estudiosos, porém há pouco material teórico a respeito. Um trabalho muito útil e abrangente sobre esse assunto é o organizado por N. Katherine Hayles².

Entre os conceitos da teoria do caos, são as idéias de complexidade e auto-organização que nos interessam mais para os estudos dos manuscritos. A complexidade estudada em vários campos do conhecimento pela teoria do caos se encontra nas informações extremamente diferentes umas das outras e que revelam uma ordem por trás da aparente desordem. As ciências que têm se utilizado desses conceitos são muito diversificadas, como a meteorologia, a epidemiologia e até a economia.

No que concerne aos estudos dos manuscritos pode-se pensar que a leitura de um texto literário ou de um rascunho é marcada pela complexidade de vários níveis de informação como o aspecto estilístico, sonoro, rítmico, semântico ou simbólico. As dificuldades de compreensão numa primeira leitura são entendidas como ruídos, ou seja, uma informação que não foi processada. Em consequência da primeira leitura, o processo cognitivo se reorganiza. Quando se lê o texto ou o rascunho novamente mais informações são processadas, porque a leitura foi feita num nível mais elevado de

complexidade. Portanto, é a presença de ruídos que força a compreensão a se reorganizar em um nível mais alto.

O texto poético e o rascunho, sobretudo, pedem que o leitor crie novos códigos ao dar sentidos a elementos que eram antes "dessemantizados". Isto quer dizer que há uma construção de significado, feita pelo leitor ou pelo crítico, que aparece como um processo de auto-organização a partir do ruído.

A variedade de significados e os outros tipos de significados que surgem a partir das leituras tornam-se ingredientes de um novo nível de explicação mais alto. Os diferentes tipos de compreensão de um poema já publicado ou de um manuscrito formam um sistema de significação complexo e auto-organizado muito dinâmico. No caso dos manuscritos do poema *L'Ange* de Paul Valéry podem-se verificar algumas dessas características.

Esse poema se encontra no oitavo tomo dos *Cahiers*, editados em fac-símile pelo CNRS de 1957 a 1961, nos folios nº 370 a 371. Nesses primeiros rascunhos, observa-se o que se chama de não-linearidade e auto-reflexividade.

A não-linearidade desses rascunhos é visível, porque o texto é muito prolífico, encontram-se nele muito mais acréscimos que rasuras. Há uma proliferação de palavras, de afetos e de textos. Constata-se esta multiplicidade, sobretudo, em relação ao texto publicado, onde os versos são mais concisos, as emoções são racionalizadas e os vários textos são deixados de lado, dando lugar só ao poema em si. No rascunho ainda há espaço para a experimentação e o

surgimento de idéias; é por isso que aí se encontram textos nas margens que revelam sentimentos íntimos e profundos de perda de um amor. Pode-se encontrar também o início de um outro texto: *L'Orphée*, o que revela o movimento de complexidade dos processos de criação do poeta. Os textos diferentes que surgem são ruídos que forçam a auto-organização do texto anterior e das leituras desses trechos que se justapõem.

A reorganização das idéias e dos textos em diferentes níveis de compreensão é uma característica da complexidade desses manuscritos. Pode-se entender isso melhor se pensarmos que há um processo de reescritura nos textos valerianos, como já demonstrou Judith Robinson-Valéry no seu artigo "La genèse poétique chez Valéry"³. Nesse processo há um acúmulo e uma repetição de idéias e das sonoridades encontradas em vários poemas e em outros textos. Um exemplo disso é o tema de Narciso, que é desenvolvido e repensado ao longo de toda sua obra. Mas, pode-se pensar também que essa etapa de conservação (de idéias, de sons) faz parte da auto-organização que desemboca de um nível em outro. Portanto, no manuscrito há o acúmulo e a coexistência de idéias nascentes, de versos e de sentimentos, há também uma reorganização que transforma o texto de Valéry num outro publicado que é mais conciso, mas que contém nele as etapas anteriores.

O rascunho que contém todas as rasuras, os acréscimos, as mudanças e as experimentações é o espaço da escritura, da textualização. Almuth

Grésillon considera esse processo como sendo aquele da gênese da obra, mas também a do autor, no seu artigo "Ralentir : travaux" ⁴. Há aí dupla gênese: não somente o início de uma escritura que se cria pouco a pouco pelo trabalho da razão e das pulsões, mas também o início do autor. Quando ele termina o seu trabalho de scriptor, tendo sido transformado pela sua escritura, ele se separa de sua obra e, assim, torna-se autor.

Esse trabalho revela um outro movimento que é o da auto-reflexividade. A linguagem artística não é neutra e constantemente se questiona, mas, no manuscrito, isso se vê mais claramente do que no texto publicado. Cada rasura põe em jogo as linguagens conscientes e inconscientes do desejo, do prazer estético que se mesclam nesse instante. Nos rascunhos de *L'Ange* pode-se sentir esse duplo movimento do anjo que sofre e que se vê sofrendo, as duas vozes desse anjo *je et il*, sua dor e sua razão. O movimento continua entre o manuscrito e o texto publicado, entre aquele que escreve sua obra e que é trabalhado pela escritura e aquele que publica. Esse é um questionamento que começa pela linguagem, passa pela própria estrutura do rascunho e se estende até o conteúdo do poema: auto-reflexividade e auto-organização.

Os movimentos descritos fazem parte do que é chamado também de Ciência do Caos; no entanto, é muito importante compreender caos não como desordem completa, confusão ou como o vazio que precede a criação. Aqui, caos, é a complexidade de sistemas que se encontra na análise de manuscritos:

partes de textos, frases dispersas, rasuras, notas marginais, brancos, acréscimos, desenhos, fórmulas, prosa e poesia misturados. Todos esses elementos podem se auto-organizar a partir das leituras e das interpretações e podem transmitir uma mensagem múltipla, dinâmica, mas bem clara.

Essa visão aproximativa entre crítica genética e teoria do caos é muito nova e pouquíssimo exemplificada, entretanto, ela mostra como a ciência e a literatura fazem parte da mesma concepção do mundo. A teoria do caos não traz somente um novo vocabulário, metáforas ou alegorias para compreender antigos procedimentos, mas uma nova maneira de ler a realidade, inclusive, a arte e, em particular, os manuscritos literários. Essa nova maneira de interpretar o processo de criação cria um novo leitor também, que se conscientiza da complexidade, da não-linearidade e da auto-organização de seu próprio processo de criação dos significados da sua leitura.

Notas e Referências Bibliográficas

1. Este artigo se baseou no curso " O nascimento da escritura e o processo de criação II", organizado pelo professor Philippe Willemart, na FFLCH-USP, no 2º semestre de 1992.

2. HAYLES, Katherine *Caos and order Complex Dynamics in Literature and Science* Chicago: The University of Chicago Press 1991.

3. ROBINSON-VALÉRY, Judith "La genèse poétique chez Valéry" In *Cultura Italiana e Francese a confronto nella Zona Alpina* Aosta: Schema Editore 1979.

4. GRÉSILLON, Almuth "Ralentir : travaux" In *Genesis I* Paris: ITEM/CNRS 1992.